

JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

Juventudes e projetos de vida

Jorddana Rocha de Almeida
Maria Zenaide Alves

FINO TRACO
FT
EDITORA





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

Série de Cadernos Temáticos
“Juventude brasileira e educação”

Juventudes e projetos de vida

Autoras:

Jorddana Rocha de Almeida
Maria Zenaide Alves

Organização:

Álida Leal, Brésicia Nonato, Licínia
Correa e Symaira Nonato

Capa e projeto gráfico:

Carol D’Alessandro

Diagramação:

Editora Fino Traço

Cadernos da série

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A447j

Almeida, Jorddana Rocha de

Juventudes e projetos de vida / Jorddana Rocha de Almeida, Maria Zenaide Alves. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

44 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-505-0

1. Educação. 2. Juventude. 3. Projetos de Vida. I. Alves, Maria Zenaide. II. Título.

2021-3330

CDD 370

CDU 37

Jorrdana Almeida¹

Zenaide Alves²

Juventudes e projetos de vida

1. Jorrdana Rocha de Almeida - Pedagoga (IFMG Campus Sabará), Especialista em Psicologia Educacional (UNIVALE). Mestre e doutoranda em Educação na UFMG e integrante do Programa Observatório da Juventude.

2. Maria Zenaide Alves - Pedagoga. Mestre em Educação (Universidade do Porto). Doutora em Educação (UFMG). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão.

Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes³. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, είδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem. Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!

Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.



Iniciando o giro do caleidoscópio

Caro/a colega leitor/a,

Com imensa alegria trazemos neste Caderno um tema que, embora esteja presente em todas as etapas da nossa vida, pouco nos dedicamos a discutir ou refletir. Falaremos sobre os projetos de vida. É comum ouvirmos, desde muito cedo, perguntas sobre o que queremos ser quando crescer, não é verdade? Quando se chega ao momento da juventude, especialmente, esta pergunta se intensifica ainda mais, tanto por parte dos/as adultos/as que convivem com os/as jovens, quanto por parte dos/as próprios/as jovens que são afetados/as pela exigência e expectativas sociais de pensar sobre o que fazer da vida. Nesse sentido, discutir sobre juventudes e projetos de vida envolve muitos aspectos, demanda reflexões diversas e envolve diferentes instituições socializadoras, como a escola, onde esta temática vem ganhando, cada vez mais,

centralidade nas práticas educativas e no currículo, como veremos neste Caderno.

Mas, afinal, porque é tão importante falar em projetos de vida quando discutimos juventude e educação? Como essas duas questões coexistem nos processos e espaços educativos? Essas são algumas perguntas e preocupações que mobilizam as reflexões que estamos propondo neste Caderno. Pretendemos também provocar algumas reflexões sobre aspectos que, por vezes, não recebem a atenção adequada das instituições socializadoras, como o próprio sentido de projeto de vida e, também, apresentar algumas possibilidades teórico-metodológicas de trabalho com o esse tema em espaços educativos distintos. Vamos juntos/as neste caminho?

O que estamos chamando de projetos de vida?

Para início de conversa, chamamos a atenção para a palavra **projeto**, que não é apenas uma palavra. É um conceito, utilizado em diversas áreas, por diferentes profissionais. Sim, você já deve ter ouvido falar de projetos em muitas situações da sua vida, nos contextos mais diversos. Geralmente quando vamos iniciar algum caminho, desenvolver alguma ação ou mudar o jeito de fazer algo, muitas vezes a gente começa por um projeto, um plano mais ou menos estruturado, não é mesmo!? Os projetos estão sempre pre-

sentos em nossa vida, seja para uma ação mais complexa, como os projetos arquitetônicos ou os projetos de lei, seja para algo mais simples, como o projeto de uma festa ou de uma viagem de férias. Assim, compreendemos que projetar é organizar uma ação futura, seja esse futuro próximo ou distante. Por exemplo: para desenvolver uma aula ou outra atividade na escola precisamos planejar, nos organizar, pensar no tempo, na metodologia a ser utilizada e no material necessário. Da mesma forma que para ingressar em uma universidade daqui a um, dois ou três anos, é preciso se organizar, planejar, projetar. Pois é! Estamos falando do primeiro conceito fundamental para a nossa discussão, **os projetos, que são as experiências humanas previamente pensadas, organizadas, idealizadas e definidas**. Sim, dizemos das experiências humanas porque nós, seres humanos, somos os únicos seres vivos com capacidade de projetar. Vamos pensar um pouco mais sobre este conceito?

Um primeiro aspecto que queremos refletir é que o projeto está diretamente relacionado a **valores**, como nos lembra o professor da USP, Nilson Machado (2004). Isso significa que um sujeito ou grupo, em uma determinada sociedade e/ou tempo histórico, pensa seus projetos embasados em valores, individuais ou coletivos, que orientam os modos de ver o mundo naquele grupo ou contexto. É por isso que diferentes grupos sociais, em variadas

épocas, orientam suas crianças e jovens de modos diferentes em relação ao futuro. O grande desafio, em alguns casos, sobretudo para os/as profissionais da educação e para as próprias famílias, é quando os valores dos membros de um grupo não dialogam com os valores dos/as jovens, ou seja, quando os valores de uma geração não são exatamente os mesmos de outra, por exemplo. Como lidar com situações em que um/a jovem, que vive no campo, tem o desejo de mudar para a cidade e seus pais o/a querem como seu/sua sucessor/a na propriedade? O que dizer a pais e mães que querem uma determinada profissão para o/a filho/a, mas ele/ela não tem o mesmo desejo?

Essas perguntas trazem uma outra questão importante que é o **caráter indelegável e intransferível** dos projetos, ou seja, não se pode projetar pelos/as outros/as nem para outras pessoas, como também lembra o professor Machado (2004). Isso não significa responsabilizar as/os jovens pela tarefa de fazerem sozinhos/as, de elaborarem solitariamente seus projetos. Neste sentido, **os projetos constituem importante espaço de diálogo, seja no seio familiar, seja na escola, nas ações coletivas e outros espaços socioculturais**. Assim, é importante considerar que pais/mães/responsáveis e a escola, ações e instituições sociais e outros espaços educativos não devem projetar algo **para** os/as jovens, mas auxiliá-las/los, **fazer com**, em diálogo, considerando que este é um

exercício complexo, que envolve questões subjetivas, estruturais e identitárias. Envolve desejos e interesses.

Agora que já conhecemos um pouco sobre projeto, de uma maneira mais ampla, vamos tentar compreender e problematizar, então, os **projetos de vida**. Em que momento começamos a pensar em projeto de vida? Será que os projetos de vida podem ser delineados, escritos ou calculados tão precisamente como um projeto arquitetônico?



Fonte: Quino. Toda a Mafalda. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010

A partir da tirinha acima, é possível problematizar um pouco mais a ideia de linearidade dos projetos de vida, ainda muito presente no senso comum. Diferentemente dos projetos arquit-

tônicos, políticos e/ou educativos, projetos de trabalho, projetos de pesquisa, os projetos de vida não são resultado de um cálculo matemático, muito menos têm que ter objetivos, metodologias e cronogramas rígidos a serem cumpridos. Os projetos de vida são dinâmicos e, por isso, entendemos que não há uma definição exata e nem universal para este conceito. Isso porque compartilhamos da ideia freireana de que somos seres inconclusos, de que o inacabamento é próprio da nossa condição vital (Paulo FREIRE, 2007) e, portanto, onde há vida há sempre necessidade de projetar-se.



Focalizando imagens

Indicamos a leitura do livro “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”, de Paulo Freire (2007).

Sendo assim, os projetos de vida são processos de construção contínua e permanente, que se alteram no movimento do fluir da vida. Nossos estudos e pesquisas apontam para uma compreensão dos projetos de vida como ações e atitudes mais ou menos organizadas que nos auxiliam na concretização de sonhos e desejos para as nossas vidas, para as nossas histórias, em futuros possíveis, mais distantes ou menos. São projetos relativos

ao nosso bem maior: a vida. Nas palavras dos/as professores/as-pesquisadores/as da Faculdade de Educação da UFMG, Juarez Dayrell, Geraldo Leão e Juliana Reis (2010) o projeto de vida é **uma ação do indivíduo de escolher um, dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substâncias em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida** (p. 67).

Pois bem, as discussões até aqui apresentadas nos levam a perceber que os projetos de vida são parte da condição humana. Cada pessoa constrói o seu próprio projeto de vida, a partir da relação com os outros e com o contexto sociocultural em que vive, em um processo dinâmico. Os projetos e as pessoas mudam ou, como bem disse o sociólogo Gilberto Velho (2003, p. 48), “as pessoas mudam através de seus projetos”. Será que temos conversado com os/as nossos/as jovens sobre seus projetos de vida? Quais seriam estes? Essa é uma conversa importante para os/as educadores/as de jovens!!!



Focalizando imagens

Recomendamos a leitura de alguns estudos realizados por pesquisadores/as do Observatório da Juventude da UFMG que se dedicaram ao tema dos projetos

de vida, tais como: Juarez DAYRELL; Geraldo LEÃO; Juliana REIS (2011); Zenaide ALVES (2013); Jorddana ALMEIDA (2017); Symaira NONATO (2019).

“Ser alguém na vida”: juventudes, identidades e campo de possibilidades

Quando o enfoque é a condição juvenil, vista como uma experiência social crucial de construção das identidades, devemos levar em conta que a vivência desta condição se caracteriza por experimentações nas diversas dimensões da vida: individual e coletiva, afetiva e intelectual, moral, política e cidadã, entre outras. Nesse processo, latente e permanente de descobertas, emoções, conflitos e crises que os/as jovens se questionam: “Quem eu sou?”, “Para onde vou?”, “Quais são os meus desejos e ideais?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?” Desses questionamentos, surge uma necessidade de se projetar, dar sentido à sua trajetória de vida e ao agir no presente. É muito comum ouvir dos/as jovens, sobretudo das classes populares, a manifestação do desejo de *ser alguém na vida*.

“*Quero ser alguém na vida...*” Esta frase já passou pela sua cabeça em algum momento da vida? Será que ela reverbera no pensamento dos/as jovens com os/as quais você trabalha? Mas o que eles/as querem dizer com isso? Há quem diga que somos todos/as alguém. Será? Quais jovens, em que circunstâncias, se

veem e são vistos como 'Zés Ninguéns'? Sabemos que, todos/as os/as jovens, de um jeito ou de outro, vão encontrando formas de se situar no mundo, de serem vistos como sujeitos sociais¹ e de construírem projetos de vida. Mas, temos que lembrar que os sujeitos e seus projetos de vida vão sendo constituídos de várias maneiras e em diferentes contextos. Dentre estes estão os contextos de desigualdades sociais e de violações de direitos, que proíbem os sujeitos de 'ser' e até de sonhar. Isso acontece com grande parcela das juventudes brasileiras, oriundas das camadas mais pobres, o que nos faz lembrar de um poema de Eduardo Galeano, jornalista e escritor uruguaio, intitulado Los Nadies (Os Ninguéns):

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.
Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo
a vida, fodidos e mal pagos:
Que não são, embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não têm cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.

1. Conceito discutido no Caderno "Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo".

Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal, aparecem
nas páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos do que a bala que
os mata.”²

O poema nos ajuda a compreender que o desejo do sujeito ser alguém na vida pode ser traduzido como o desejo de ser reconhecido, valorizado e respeitado pelo que é, pelo que sabe e pelas contribuições que pode dar à sociedade, no presente e no futuro. Ser respeitado como sujeito de direitos e não somente de deveres. Ser visto como alguém que tem importância, ao invés de ser tratado como uma categoria inferior, como ninguém. “Vidas negras importam!”, lembrando o slogan de movimentos negros norte-americanos.

Outro aspecto a considerar na discussão dos projetos de vida é que há experiências juvenis em que o sentido do agir é atribuído mais fortemente ao presente, em viver o aqui e o agora. Há também jovens que afirmam que só querem permanecer vivos: *“Pra quê pensar o futuro, não sei nem se eu vou tá vivo amanhã”* (Ronan, 17, 2017). Outros/as sequer consideram que têm futuro, quando dizem: *“[...] tenho futuro não. Vou ser um Zé Ninguém”* (Ana Flávia, 17 anos). Ao mesmo tempo, a escola e os estudos e/ou a

2. GALEANO, 2015.

experiência laboral, vivências artísticas e culturais, a vida no campo, o desejo de constituição de uma família, de ter estabilidade econômica, a migração para outros países³ e outros entendimentos podem ser referências para jovens constituírem sentidos para a vivência do presente e suas perspectivas de futuro.



Focalizando imagens

As falas acima são de jovens, indicados/as com nomes fictícios, participantes das pesquisas intituladas:

a) “No fio da navalha: sentidos das experiências e projetos de futuro de jovens em cumprimento de medida socioeducativa de semiliberdade” (ALMEIDA, 2017).

Veja no link: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AREFX8>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

b) “Ser alguém na vida: condição juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares-MG” (ALVES, 2013).

Acesse em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9DTEVP>>. Acesso em: 27 mai. 2021.

3. Os Cadernos “Juventudes e Escola”, “Juventudes e Ensino Superior”, “Juventudes e Trabalho” e “Juventude e Território” desta Série exploram estas dimensões da condição juvenil e são fontes teórico-metodológicas potentes.

Não estamos dizendo que alguns/algumas jovens não constroem projetos de vida, e sim, ressaltando que o fazem de acordo com o seu contexto sociocultural, econômico, territorial, com os marcadores sociais da diferença (gênero, sexualidade, raça, etnia, classe), e com os recursos econômicos, subjetivos, psíquicos, intelectuais, informacionais, etc. de que dispõem. Assim, vão construindo, de maneira subjetiva, singular e social, diferentes formas de lidar, compreender e vivenciar possibilidades de construção de projetos de vida possíveis. O que podemos afirmar é que, de um modo ou de outro, as juventudes vão construindo seus projetos de vida e buscando as possibilidades de serem alguém na vida, isto é, serem reconhecidas com suas diversidades e diferenças, como cidadãos/cidadãs de direitos.



Outros ângulos, cores e formas

- O livro *"Ser alguém na vida: juventude, migração e projetos de vida"*, da Appris, traz ótimas discussões sobre o que significa, para a juventude, ser alguém na vida. Os jovens participantes da pesquisa que originou o livro deram algumas entrevistas para o programa Brasileiros pelo Mundo, da TV Brasil, que você pode assistir neste link: <<https://youtu.be/sUaKVYg3Q1Q>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

- Assista também ao vídeo "*Juventude e Projeto de Vida*", que foi utilizado como mediador do diálogo com jovens em Belém do Pará durante a pesquisa Diálogos com o Ensino Médio, que pode ser um recurso disparador de bons diálogos na sua experiência.

Acesse em: <<https://vimeo.com/14557744>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

Devemos destacar, ainda, que o processo de construção de projetos de vida está diretamente ligado ao processo de construção da **identidade juvenil**. De acordo com o professor Juarez Dayrell (1999), **a identidade é uma construção que cada indivíduo vai fazendo por meio das relações que estabelece com o mundo, com os outros, a partir do seu grupo social, seus valores, normas, suas experiências individuais que constituem sua visão de mundo**. Os/as jovens vivem constantes processos de autoafirmação no e com o mundo, no qual estão inseridos e lhes atribuem sentido, assim como às suas histórias de vida. Esse processo de construção da identidade juvenil e de projetos de vida se articulam no **campo de possibilidades de cada sujeito**. Mas, o que seria então campo de possibilidades? Será que todos/as os/as jovens têm o mesmo campo de possibilidades e dispõem dos mesmos suportes para transformarem seus desejos em projetos de vida e realidade? Vamos pensar sobre essa importante questão?

Em suas trajetórias os/as jovens vão se (re)constituindo, se reconhecendo e se projetando dentro do seu campo de possibilidades, ou seja, as condições estruturais e conjunturais, balizadas pelos limites e possibilidades de ordem social, histórica, econômica, cultural, territorial e pessoal, aos quais os/as jovens e seus projetos estão submetidos. Neste sentido, não se vivencia a juventude e não se constrói projetos de vida da mesma maneira, com as mesmas condições socioeconômicas e culturais. Um exemplo clássico que podemos reforçar aqui é o desejo de cursar Medicina. Um jovem negro, morador de uma favela com renda familiar precária, filho de pais trabalhadores com baixa escolaridade, estudante de uma escola pública, com suas potencialidades e com seus vários limites e precariedades, que precisa trabalhar para ajudar nas despesas familiares, terá as mesmas condições, acessos e oportunidades que um jovem branco, filho de pais com renda e nível escolar elevados, que estuda em uma instituição de ensino renomada que oferece cursinhos extras, língua estrangeira, que viaja para fora do país nas férias? Ou, então, uma jovem pobre e mãe, residente em uma cidade interiorana, ou um jovem homem ou mulher trans, que interrompeu os estudos por algumas vezes por situações de violência e violação de direitos teriam condições de projetar suas vidas da mesma forma que outros/as jovens que não têm essas dificuldades? Certamente que não.

A noção de campo de possibilidades nos ajuda a problematizar a **lógica meritocrática** de que a realização de projetos de vida depende ‘apenas’ do esforço pessoal e próprio de cada indivíduo. O campo de possibilidades não é igual para todos os grupos sociais, ao contrário, ele é demarcado por diferenças estruturais de classe, raça, gênero, território etc., que, na sociedade capitalista, de consumo e exploração em que vivemos produzem as desigualdades socioculturais de acesso, violações de direitos básicos e violências diversas. Nesse sentido, para os/as jovens de algumas classes sociais o campo de possibilidade é muito maior do que para outros/as. Ressaltamos então, que, “ser alguém na vida” envolve diversos aspectos subjetivos e sociais e exigem o conhecimento da realidade complexa na qual os/as jovens estão inseridos. Esses/as jovens demandam serem respeitados/as, reconhecidos/as e tratados/as como sujeitos de direitos. Sendo assim, fica colocada uma questão crucial para nós, educadores/as: em que medida os diversos espaços educativos podem ser importantes para o/a jovem conhecer a realidade em que está inserido/a e ser capaz de assumir um posicionamento crítico e autocrítico em relação ao seu campo de possibilidades e a si mesmo?

Projetos de vida e a relação com o tempo

“Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo [...]”

Renato Russo

Será que todos/as nós lidamos com o tempo da mesma forma? Como os/as jovens com os/as quais você trabalha se relacionam com o tempo? Quais conexões existem entre tempo e projeto de vida? Esta música da banda brasileira Legião Urbana, muito ouvida desde o final dos anos 1980 até os dias de hoje, nos sugere, dentre outras coisas, que há uma dinamicidade e uma constância no tempo que temos. Mas que tempo é este? É o cronológico ou o tempo do vivido, das trajetórias de vida? Será que ele é vivido e sentido da mesma maneira por um mesmo indivíduo em diferentes momentos da sua própria experiência humana, da sua história individual? Vamos pensar um pouco mais sobre isso...

O tempo é uma experiência subjetiva, mas também cultural e coletiva e existe antes mesmo de se constituir uma medida de duração. A partir dos estudos da socióloga Ana Cardoso (2007), afirmamos que **o tempo é uma construção social que se altera**

conforme a sociedade e o momento histórico. Isso implica pensar que cada sujeito, no seu contexto social, vai estabelecer diferentes formas de se relacionar com a dimensão temporal. Ou seja, ao longo de toda a história da humanidade a relação entre passado, presente e futuro, uma das dimensões da noção de tempo, não permaneceu igual e nem linear. Sendo assim, falar de projeto de vida e juventudes implica em considerar as relações temporais com o futuro, sem desarticular presente e passado.

As formas de lidar com a noção de tempo, na cultura moderna, ocidental situadas nos diferentes contextos e realidades vividos, influenciam a maneira como projetamos e idealizamos o nosso futuro e no modo como investimos nele. Para o sociólogo Norbert Elias (1994), a abundância de oportunidades nas sociedades complexas, em comparação às sociedades mais simples, possibilita ao indivíduo um caminho extremamente rico em ramificações e rumos possíveis a serem seguidos. Mas, como já refletimos, é preciso lembrar que as possibilidades de escolhas não são inúmeras para todos/as os/as jovens. Nesse sentido, é possível afirmar que os/as jovens são os/as mais diretamente afetados/as por todas as transformações sociais que ocorrem na sociedade contemporânea, incluindo as estruturas e processos de produção e reprodução das desigualdades sociais.

O acesso às mídias e novas tecnologias da informação em uma velocidade instantânea, como discutido no Caderno “Juventudes: culturas juvenis e cibercultura”, os vários estímulos e oportunidades de ação individual que não são vividos de forma igualitária, fomentados pelo universo simbólico e indústria cultural, colocam os/as jovens diante de um labirinto de escolhas, possibilidades, de referências sociais múltiplas, contraditórias e desiguais. Nem todos/as os/as jovens podem escolher, concretamente. Este aspecto precisa estar como plano de fundo das nossas ações educativas com jovens.

Cada vez mais os/as jovens vivem um constante “vai e vem” em vários aspectos da vida: namoro, grupo de amigos, grupos culturais, estudo, saída da casa dos familiares, “bicos” ou relações de trabalho mais inconstantes. O professor José Machado Pais (2003) denominou muito bem este fenômeno de “**geração ioiô**”, pois as experiências juvenis são afetadas por uma lógica de incertezas, relações fluidas, vínculos frágeis, espaços sociais múltiplos e concorrentes. Os/as jovens se veem diante da tarefa de projetar, projetar suas vidas em uma sociedade labiríntica e complexa com muitas possibilidades para uns/umas e nem tantas para outros/as, exigindo deles/as constantemente tomadas de decisões e escolhas. Mas, ao mesmo tempo, nem sempre há os suportes necessários para que as escolhas existam e/ou sejam

realizadas de maneira consciente e permitam rumos concretos de vida, especialmente para os/as jovens pobres, moradores/as de periferias, negros/as, indígenas, rurais.

Nesse sentido, os/as jovens vivenciam um processo de ressignificação constante das suas relações com o tempo, especialmente o tempo presente e futuro. De acordo com cada contexto vivido, **o futuro pode ficar cada vez mais distante e o presente se tornar o tempo mais propício para se pensar sobre si e sobre a vida.** Você já refletiu sobre isso? Podemos afirmar que “o futuro não é mais como era antigamente”, e nem o presente, como dizia outra música da Legião Urbana (Renato RUSSO, “Índios”, 1986). Isso porque, a sociedade atual de múltiplas possibilidades é também uma sociedade de muitas incertezas e para a maioria das juventudes brasileiras, das classes populares, projetar em um arco temporal mais curto, isto é, mais presente, é a sua possibilidade mais segura e concreta.

Isso não significa que os/as jovens não pensam ou não projetam o seu futuro, como ainda ouvimos muito por aí [“O jovem de hoje é imediatista, só quer saber do presente, não pensa o futuro”]. Estes indivíduos estão ressignificando e alterando as formas de concebermos e lidarmos com os tempos da vida. O presente pode ser mais estendido, assim como o futuro mais presentificado. Futuro pode ser daqui há 10 anos e daqui a dois ou pode ser

amanhã. Miremos o olhar também para o presente em conexão com o passado, valorizando os/as jovens e suas experiências sociais que constroem identidades e refletem rumos de vida. O que você acha dessa perspectiva?

Projetos de vida e processos educativos: por um *fazer com as juventudes*

Agora que discutimos o conceito de projetos de vida e compreendemos algumas dimensões ou aspectos importantes a serem considerados quanto a este tipo de projetos, vamos refletir sobre alguns pontos de relação desses projetos com a educação e de que forma essa discussão está presente nos processos educativos com jovens.

Importa salientar, de antemão, que compreendemos educação na perspectiva freireana, como um processo de humanização e libertação, como apontado no Caderno “Juventudes e processos educativos”. Nesta concepção educativa somos todos sujeitos do processo e estamos todos/as em construção da nossa humanização. Compreendida desta forma, a educação está em todo lugar: no trabalho, nos sindicatos, nas famílias, nas escolas, nas ONGs, nos movimentos sociais, nas ações coletivas, enfim, em todos os espaços onde há relações humanas e dela ninguém escapa, como diria o educador Carlos Rodrigues Brandão (1989).

Repare que, então, estamos falando de processos que não se restringem à instituição escolar, mas algo mais amplo de desenvolvimento do ser humano como ser singular, subjetivo, social, cultural; do seu reconhecimento como sujeito de saberes, desejos, demandas e como sujeito de direitos. Sendo assim, quais seriam os diálogos possíveis entre projetos de vida, juventudes e processos educativos? E o que os espaços educativos têm a ver com isso, na prática? Como os projetos de vida chegam aos espaços educativos?

Na perspectiva aqui discutida, consideramos que é fundamental que haja tempos e espaços educativos que possibilitem a vivência e o desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito, neste sentido, compreendemos que a discussão sobre os projetos de vida nos espaços educativos é fundamental. Nesse sentido, podemos afirmar que a escola e/ou instituições de ensino ocupam papel estruturante na construção de projetos de vida de jovens brasileiros/as, dado que uma das funções sociais da escola é a formação humana cidadã. Sendo assim, ela também participa direta ou indiretamente da construção dos processos identitários e, conseqüentemente, dos processos de construção de projetos de vida dos/as jovens. Além disso, o tema dos projetos de vida vem ganhando cada vez mais espaço nos discursos educacionais e instituições educativas. Seja em instituições formais, seja em

espaços educativos não formais, falar em projetos tem um significado próprio, com um sentido atribuído à noção de organizar as condutas e princípios que orientam os processos educativos.

A ideia de projetos de vida chega às instituições educacionais e assume lugar de destaque nos discursos educacionais em diversos contextos, sobretudo a partir das duas últimas décadas. Contudo, se considerarmos principalmente a etapa do Ensino Médio, o tema do projeto de vida tem sido apresentado na contramão do que discutimos aqui. Ou seja, os projetos de vida têm sido discutidos no contexto escolar em uma perspectiva burocrática, com um lugar demarcado no fluxo curricular e de maneira prescritiva, como um plano de ação a ser executado em um arco temporal determinado, se distanciando, portanto, da perspectiva aqui defendida, de construção dialógica e processual com as juventudes. Na reflexão aqui proposta, é fundamental problematizarmos as condições nas quais os/as jovens têm realizado suas escolhas, quando as realizam, pois muitos/as jovens nem têm escolhas, ou suas possibilidades de escolha são mínimas, devido às condições de suas vidas e origem social. Ademais, do ponto de vista metodológico, é importante pensar de que forma a temática tem sido abordada nos currículos escolares e lembrar que os projetos de vida não são fluxogramas, como lembra Mafalda nesta tirinha.



Fonte: Quino. Toda a Mafalda. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010. pág. 27.

Acreditamos que os projetos de vida, muito mais que planos escritos e deterministas, são orientações subjetivas que se ancoram nas biografias, nas experiências, nas histórias de vida dos sujeitos, nos valores da sociedade e dos grupos sociais, nas condições materiais de existência e, também, no caso dos/as jovens, nas relações que estabelecem com a família, com as amigas e os amigos, com os companheiros e companheiras, com as instituições educativas e socioculturais. Por isso é tão importante

nos indagarmos sobre quem são os indivíduos (e instituições) que estão elaborando os discursos educacionais sobre os projetos de vida? Quais são os profissionais envolvidos na construção desses discursos e concepções de projetos de vida? Para quais caminhos, concepções educacionais e sociais esses discursos apontam? Para que tipo de jovem e sociedade? Essas são questões necessárias para não tornar a nossa discussão e práticas educativas com jovens sobre projetos de vida uma simples reprodução pouco crítica e pouco reflexiva acerca de um contexto social mais amplo, nos quais a formulação desses projetos está inserida. Por exemplo, como podemos contribuir para que em seus projetos de vida os/as jovens se reconheçam como sujeitos históricos e agreguem em seus projetos valores como a solidariedade, a fraternidade, a liberdade e o espírito democrático e não se vejam apenas como consumidores/as de mercadoria e reprodutores/as de um mundo cruel, que desumaniza e violenta os direitos humanos e da natureza.

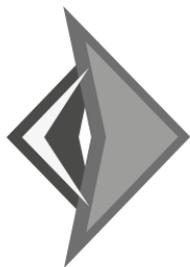
Ademais, acreditamos que o trabalho educativo com jovens que têm o projeto de vida como eixo condutor ou transversal, precisa se atentar para: **a) compreender a educação e os processos educativos como parte da condição humana e por isso só fazem sentido se estiverem construindo espaços de formação humana, de autoconstrução e de apropriação do mundo e permitindo**

a construção de sentido da vida, por parte dos sujeitos sociais jovens neles envolvidos/as; b) (re)conhecer e por isso compreender as juventudes em suas múltiplas dimensões, seus contextos socioculturais diferentes, em seus campos de possibilidades, com sua diversidade e desigualdade de modos de ser jovem; e por fim, c) refletir e questionar sobre as noções de projetos de vida que se impõem nos processos educativos, buscando desnaturalizar, ou seja, entendendo que podemos modificar as coisas, porque não há nada natural, já que elas foram inventadas.



Juntando imagens e reflexos

Convidamos você, colega leitor/a, para um exercício reflexivo-metodológico final, a partir da metodologia “Ver, Ouvir, Registrar e Agir”, proposta, nesta Coleção, no Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo”. Vejamos o item a seguir.



Caleidoscópico em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir

Convidamos você leitor/a a fazer um exercício de reflexão-ação sobre a sua prática com jovens. No espaço em que você trabalha há noções e concepções, há ideias e conversas sobre os projetos de vida das/os jovens? Tente observar, “ver” e “registrar” o que é falado sobre esse assunto pelos seus pares, o que é apresentado nas atividades de formação e/ou materiais didáticos utilizados sobre isso. Em seguida, volte o olhar para os/as jovens com os/as quais você trabalha. Busque identificar: quem são eles/as? Em quais contextos estão inseridos/as? O que eles e elas fazem no seu dia a dia? Como eles/as participam, será que se envolvem ou como se relacionam com as práticas educativas que juntos/as realizam? Será que têm prazer e alegria ou são outros os sentimentos que expressam?

Sugerimos agora um exercício de escuta contínua das e com as juventudes que você trabalha sobre projetos de vida. A nossa proposta é a dinâmica das Rodas de Conversa com tema central: “Juventudes e Projeto de Vida”. A ideia é que cada Roda tenha um subtema, um

recurso didático diversificado como música, reportagem, trecho de filme, postagens nas redes sociais etc. e perguntas disparadoras para o início das conversas. Os subtemas podem ser organizados começando pelo tema juventudes e identidade, com perguntas como: quem sou eu? Qual o meu lugar no mundo? O que eu quero da vida? E, para continuar, sugerimos que os demais subtemas sejam baseados nos Cadernos temáticos desta Série, por exemplo: juventudes, escola e ensino superior; juventudes, gênero e sexualidade; juventudes e relações raciais; juventudes e trabalho; juventudes e território. Estas rodadas de conversa com as juventudes sobre projeto de vida possibilitarão ampliar e contextualizar o conceito de projeto de vida, colocando-o em diálogo com os contextos, realidades e dimensões das vidas dos/as jovens. Esperamos que este exercício de ver, ouvir, registrar e agir estimule um tempo-espaço educativo contínuo de diálogo sobre os projetos juvenis, bem como outras práticas educativas.

Indicamos alguns materiais e referências teórico-metodológicas que também podem ajudar nesses exercícios:

- O Instituto Iungo disponibiliza materiais, vídeos, livros, orientações, podcasts e dicas metodológicas de como desenvolver trabalho educativo sobre projetos de vida com jovens que podem ser acessados nos links:

<<https://iungo.org.br/series-tematicas/projetos-de-vida/>>. Acesso em: 28 mai.2021.

<https://porvir.org/projete-se-o-podcast-de-porvir-e-instituto-iun-go-sobre-projeto-de-vida-na-escola/>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

- O Programa Jovem Independente é um projeto que combina Educação, atenção Psicossocioassistencial e vínculo com jovens em situação de acolhimento institucional para a construção de Projetos de Vida e inserção no Mundo do trabalho. Dentre as ações de formação com jovens, o Programa realiza oficinas sobre Projeto de Vida. Vejam nos links:

<https://youtu.be/whbbadbSPaU?list=PL00xNb53ktsIMViN5xKUB-QqPHYwjBebLs>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

<https://youtu.be/NmpzxfAblg8?list=PL00xNb53ktsIMViN5xKUBQqPHYwjBebLs>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

<https://youtu.be/qoNC3-LJvVQ?list=PL00xNb53ktsIMViN5xKUB-QqPHYwjBebLs>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

Referências

ALMEIDA, Jorddana Rocha; LEÃO, Geraldo. No “fio da navalha”: projetos de futuro de jovens em privação de liberdade. **Rev. FAEEDA** – Ed. e Contemp., Salvador, v. 27, n. 53, p. 237-250, set./dez. 2018.

ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, jun. 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 24° ed., 1989

BOUTINET, Jean-Claude. **Antropologia do projeto**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARDOSO, Ana Claudia Moreira. **Tempos de trabalho, tempos de não trabalho: vivências cotidianas de trabalhadores**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista** (UFMG), Belo Horizonte, v. 30, n. 1, p. 25-38, 1999.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. São Paulo: Escrituras, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

VILLAS, Sarah; NONATO, Symaira. Juventude e projetos de futuro. In: CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (Org.) **Cadernos temáticos**: juventude brasileira e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.





OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE DA UFMG

FaE
Faculdade de Educação

UFMG

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MINAS GERAIS